

HELIANA FIRMINO DE SOUZA

MARCIA MACIONK

MARIA ELIZABETE SAAD

**A IMPORTÂNCIA DA CONSCIÊNCIA CORPORAL PARA O
DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM DO DEFICIENTE AUDITIVO**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do Título de Especialista no IV Curso de Especialização em Educação Especial do Departamento de Teoria e Fundamentos da Educação da Universidade Federal do Paraná, pela Banca formada pelas professoras orientadoras:

- Gilda Moreira Weiss
- Leila Juliette Kaló
- Zenália B. Moraes

Curitiba, agosto de 1995

AGRADECIMENTOS

Queremos registrar nossa gratidão a todos aqueles que, de formas diferentes, mas oportunas, foram de valor inestimável para a execução deste trabalho.

Assim, queremos externar nosso mais profundos agradecimentos:

- Direção, professores, equipe técnica e alunos da Escola para surdos Epheta, pela oportunidade de realizar esta pesquisa.
- Professora Zenália B. Moraes, pela disponibilidade de nos orientar neste trabalho. Você nos compreendeu e nos enriqueceu com sua experiência.
- As colegas de Curso Ellen e Josira pelo apoio constante.
- Ao Diretor Luiz Augusto Barbosa, pela compreensão e amizade.
- A Rinaldo Gomes Garcia, pelo constante incentivo.
- Aos nossos familiares, que nunca faltaram com uma palavra de encorajamento e carinho, nosso muito obrigada.

SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO.....	01
1.1 - JUSTIFICATIVA.....	01
1.2 - FORMULAÇÃO DO PROBLEMA.....	04
1.3 - OBJETIVOS.....	04
1.4 - METODOLOGIA.....	05
2 - DESENVOLVIMENTO.....	06
2.1 - DEFICIENTE AUDITIVO: algumas considerações.....	06
2.2 - FONÉTICA RÍTMICA: uma abordagem, vista como objeto de reflexão específica.....	09
2.3 - COMUNICAÇÃO X LINGUAGEM X CONSCIÊNCIA CORPORAL.....	22
3 - CONCLUSÃO.....	34
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	39

INTRODUÇÃO

1 - INTRODUÇÃO

1.1 - JUSTIFICATIVA

Mediante a prática que se tem acompanhado, observa-se uma diversidade de metodologias concernentes a reabilitação do deficiente auditivo.

Apesar da diversidade de métodos adotados observa-se que os reabilitadores de forma geral, dão especial atenção a "Fonética Rítmica" que compreende uma parte da metodologia verbotonal.

A idéia básica do método verbotonal é o estudo da estrutura dos sons e das palavras e sua aplicação na reeducação da audição e da fala, onde a máxima é: **"UM SOM SE EXTRAI DE UM MOVIMENTO"**.

Assim, para facilitar a produção dos sons da fala, o método verbotonal utiliza, em suas pesquisas e aplicações, estruturas da fala baseadas no ritmo das recitações infantis (rimas infantis, também denominado estímulo musical) e no ritmo dos movimentos corporais. O objetivo de tais ritmos é possibilitar a aquisição de uma boa articulação e de uma boa percepção da fala.

Genericamente, propõem-se que a fala seja ensinada através de movimentos rítmicos corporais globais, que são aprendidos por imitação e sobre eles são construídos os movimentos da articulação."A tensão do seu corpo, as diferenças de tensões, de duração e o refinamento de sua vivência corporal deve chegar também ao nível fonatório" (GARCIA, 1982, p.1) .

Apesar da citação acima ser feita a partir dos princípios propostos por GUBERINA, ele próprio assinala:

Durante o ensinamento da fala através de movimentos corporais rítmicos, certas crianças não chegam a apresentar uma boa resposta. Neste caso, nós repetiremos inicialmente, os movimentos. Se não tivermos sucesso com a criança, no decurso de uma segunda ou terceira tentativa, nós nos concentraremos da falha apresentada pela criança e a levaremos a atingir uma boa pronúncia, com base na falha cometida, e neste caso, os movimentos poderão tornar-se apostas aos utilizados no início.

Acredita-se que esta não correspondência se dá em razão da falta de consciência corporal, uma vez que, para a criança perceber as diferenças de tensões do seu corpo, ela necessita ter essa percepção vivida;

isto a levará a uma progressiva tomada de consciência de seu corpo e de seu ser.

Tendo interiorizado o "SEU CORPO", a criança o utilizará não só para movimentar-se, mas também para agir, transformar e criar, alcançando por conseguinte as vias que a conduzem à reflexão e à abstração.

AJURIAGUERRA, citado por Fonseca (1983, p.65), afirma que "sem um verdadeiro conhecimento do seu corpo e do seu investimento sobre o mundo dos objetos e das pessoas, não se atinge, conseqüentemente a linguagem".

Considerando que a linguagem é o aspecto fundamental do desenvolvimento do deficiente auditivo e que sua aquisição mantém íntima relação com múltiplos fatores, dentre os quais quer se destacar, através deste estudo, a consciência corporal. Daí o empenho e interesse em realizar o presente trabalho, evidenciando a fundamentação das suposições levantadas.

HELIANA FIRMINO DE SOUZA

MARCIA MACIONK

MARIA ELIZABETE SAAD

**A IMPORTÂNCIA DA CONSCIÊNCIA CORPORAL PARA O
DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM DO DEFICIENTE AUDITIVO**

Monografia apresentada ao IV Curso de Especialização em Educação Especial do Departamento de Teoria e Fundamentos da Educação da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do Título de Especialista.

Orientadora: Leila Juliette Kaló

CURITIBA

1995

1.4 - METODOLOGIA

Para se tornar mais clara a relação entre consciência corporal e linguagem, os procedimentos metodológicos aplicados à presente monografia, consistiram em uma revisão bibliográfica, associada a observações em sala de aula e consultório. Esse estudo divide-se em:

- 1 - Considerações sobre o Deficiente Auditivo
- 2 - Fonética Rítmica: uma abordagem, vista como objeto e reflexão específica.
- 3 - Comunicação x Linguagem x Consciência Corporal.

DESENVOLVIMENTO

2 - DESENVOLVIMENTO

2.1 - DEFICIENTE AUDITIVO: algumas considerações

Na tentativa de uma caracterização dos processos psicológicos do deficiente auditivo, observa-se que embora a evidência científica não esteja totalmente elaborada e definida, o que se tem demonstrado nesta área é que não há um prejuízo generalizado no desenvolvimento psicológico do deficiente auditivo, mas que alguns aspectos desse processo são prejudicados e afetados diretamente pela deficiência da audição.

Em relação aos aspectos perceptivos- motores, o desenvolvimento do deficiente auditivo é compatível com o do ouvinte, ocorrendo alguns prejuízos na área motora quanto à velocidade e equilíbrio.

No que se refere ainda ao aspecto perceptivo-motor, as crianças surdas possuem um sentido de ritmo menos desenvolvido do que as crianças normais, não observando as inúmeras cadências sonoras: melodia das palavras, os ritmos musicais, as variações dos ruídos...

Com relação ao aspecto intelectual do deficiente auditivo, este apresenta um desenvolvimento compatível com o indivíduo normal, ocorrendo prejuízos relativos em certos aspectos cognitivos, ou seja, aqueles que envolvem comportamentos verbais.

Em relação ao desenvolvimento da personalidade e ao ajustamento emocional, o que se tem demonstrado é que a deficiência auditiva acarreta déficit no ajustamento emocional, mas não ocasiona desvios patológicos de personalidade.

Parece claro, que o ajustamento emocional dos ouvintes é conseguido a partir da comparação em relação ao outro, no que diz respeito aos nossos modos de pensar, sentir e agir, o que exige um constante inter-relacionamento. Portanto, a hipótese aceita é a de que os deficientes auditivos apresentam déficits no ajustamento emocional, devido, principalmente, aos bloqueios impostos pela deficiência pertinentes ao aspecto de relacionamento interpessoal.

Os principais problemas encontrados dizem respeito à formação de sentimentos de identificação, dificuldades em perceber e adotar atitudes similares a seus companheiros de idade e sexo, dificuldades em perceber e aceitar suas limitações e potencialidades.

Com base no exposto acima, percebe-se a necessidade de se trabalhar a socialização do deficiente auditivo de forma a proporcionar-lhe um desenvolvimento da sua afetividade, suas percepções, seus sentidos, sua crítica, sua criatividade, permitindo-lhe a expressão de suas emoções internas, proporcionando desta forma um auto conceito positivo.

Alcançar semelhante propósito torna-se possível mediante um trabalho que possibilite a percepção do seu corpo, do seu EU, isto é, que lhe permita adquirir uma consciência corporal. Tal trabalho conseqüentemente, lhe dará condições de estar, ser e agir de modo natural e criativo, isto é, de manter relações significativamente expressivas com o mundo.

Indivíduos que não dispõem de adequada consciência corporal, deixam a desejar no que se refere a criatividade. Segundo estudos realizados por NEVES (1987), o deficiente auditivo, obtém resultados inferiores às crianças ouvintes, no tocante a criatividade. Porém, convém ressaltar que, tais conclusões foram obtidas por meio de respostas verbais, e, generalizar estes achados seria um grande equívoco. O maior problema é que grande prioridade tem sido atribuída a comportamentos imitativos como um meio de

aprendizagem apropriada dos modelos de comunicação: pouco ou nenhum tempo tem sido dedicado para facilitar a imaginação, fluência e originalidade.

De acordo com LAUGHTON, citado por Neves (1987), o deficiente auditivo tem potencial para a expressão criativa contrariando as "descrições históricas de que ele é concreto, rígido e incapaz de se envolver em pensamentos abstratos"; tais descrições são comumente aceitas e pouco discutidas. Segundo este ponto de vista a exploração do movimento criativo é um meio efetivo para melhorar a habilidade de pensamento, de relacionamento e conseqüentemente de conscientização corporal. Somente desta forma se respeita e se desenvolve as potencialidades dos deficientes auditivos.

2.2 - FONÉTICA RÍTMICA: uma abordagem, vista como objetivo de reflexão específica

Dentre as metodologias existentes para o atendimento, como um todo, do deficiente auditivo, percebe-se que o Método Verbotonal é o que propõe uma técnica específica pertinente a um trabalho corporal. Trata-se da Fonética Rítmica ou Rítmica Fonética.

O Método Verbotonal é um método de reeducação para deficientes auditivos; ele se dispõe, antes de tudo, a ensinar a fala às crianças que apresentam qualquer grau de deficiência auditiva.

Historicamente, a elaboração do Método Verbotonal destinado às crianças surdas, constitui uma etapa de um conjunto de pesquisas pedagógicas bem mais vasto. Adveio da prática e da teoria desenvolvida por Petar GUBERINA, lingüista iugoslavo, e Paul RIVENE, da Escola Normal Superior de Saint Cloud, durante o período de 1952 à 1955. Esta teoria deu origem a um método de aprendizado de línguas estrangeiras baseado em análises lingüísticas originais e denominado por seus autores "Método Audio Visual Global Estrutural", também chamado "Método St. Cloud Zagreb". Segundo esta teoria o ritmo, a entonação, o tempo e a tensão, são a base e a orientação da captação dos sons de um idioma estrangeiro.

As observações feitas sobre a aprendizagem de línguas estrangeiras, suscitaram questões em particular, sobre os fenômenos da audição e da articulação. Guberina se aprofundou nos problemas do ouvido patológico. Foi daí que originou-se o "Método Verbotonal" de reeducação dos problemas da audição e da fala.

Parece que o Método Verbotonal propõe uma tentativa de integrar as análises próprias a cada um dos planos de realidade que constituem a linguagem, dentro de uma prática pedagógica. A linguagem não é considerada como um conjunto de sons significantes organizados, mas como uma produção do corpo: a participação corporal, os elementos rítmicos e melódicos da palavra desempenham assim um papel capital na aprendizagem da linguagem.

A presente exposição, forçosamente analítica, quer evidenciar a unidade fundamental sobre a qual está construído o método: unidade do ato da comunicação, onde o corpo e o ator e onde o ritmo e a entonação são componentes essenciais.

Conforme referenciou-se anteriormente, o método Verbotonal é parte integrante de um sistema que utiliza a palavra e a audição das palavras em suas pesquisas sobre a audição e a fala. Estas pesquisas demonstram que existe uma relação estreita entre os fatores estruturais da fala e as condições mais favoráveis do homem de articular e de perceber a fala.

"Os fatores essenciais da estrutura dos sons e das palavras da fala são: o ritmo; a entonação; a tensão; o tempo e a pausa; a intensidade. Esses fatores são os transportadores dos sinais da fala do ponto de vista da articulação e da percepção da mesma" (Guberina, 1970, p.3).

Paralelamente a esta idéia, LOVRIC (1970, p.4), afirma:

O Sistema Verbotonal ressalta as bases da percepção, isto é, que sob o ponto de vista estrutural o tempo é um fator de estruturação; que os campos de freqüências limitados são suficientes para que se possa, sob determinadas condições, entender a fala; que a combinação de freqüências e intensidades de forma descontínua conduz à compreensão da fala; que todo o corpo funciona como receptor e transmissor; que a tensão é o resultado da ação e contração dos músculos e que a pausa representa a atividade. Dessa maneira pesquisa-se a capacidade funcional do elo da comunicação: emissão, transmissão, percepção e reprodução e de suas interligações.

É a partir desses princípios e considerações que advêm os processos pedagógicos que constituem o Método Verbotonal, tendo entre eles, a "Rítmica Fonética", a qual pretende-se a destacar.

Não se pretende discuti-la aqui nos seus mínimos detalhes, mas somente expor em linhas gerais, as idéias e diretrizes que guiam sua prática.

Rítmica Fonética é designada por Guberina (1970, p.39) "como o método pedagógico pelo qual nos esforçamos por fazer perceber e produzir os sons da fala seus ritmos e suas entonações para pô-los em

obra simultaneamente com o movimento corporal em estruturas rítmicas que variam em função das estruturas rítmicas das estruturas rítmicas da linguagem".

Trata-se do Ritmo dos movimentos corporais em função da articulação e da audição dos sons da linguagem. Este tipo de ritmo está intimamente ligado ao ritmo musical, sendo definidos em conjunto como Ritmo Fonético.

Segundo VICENTE (1991, p.2) o emprego das formas rítmicas feito pedagogicamente, é justificado no Sistema Verbotonal, pelas seguintes razões:

a) O deficiente auditivo não possui um tônus corporal normal. Ou é muito tenso ou é muito relaxado; por conseguinte, a fala também será tensa ou relaxada.

b) A reabilitação pelo Sistema Verbotonal é feita não só pela via auditiva ou visual, mas também pela via corporal. Percebe-se auditivamente através de todo o corpo que é sensível às frequências, que por sua vez estão contidas no ritmo.

c) Observando o comportamento das crianças ouvintes quanto ao desenvolvimento da fala, chegou-se à conclusão de aproveitar as estruturas rítmicas musicais para ensinar o deficiente auditivo, porque a tendência da criança é brincar com a fala, estruturando-a em ritmos simples.

d) A voz do deficiente auditivo torna-se mecânica, se não é desenvolvida com todos os seus valores: ritmo, tensão, entonação, pausa, afetividade e tempo que são proporcionadas pelo ritmo.

e) A macromotórica (grandes movimentos), funciona como base para o desenvolvimento posterior da micromotórica dos movimentos articulatórios e fonatórios.

f) Os ritmos fonéticos facilitam a percepção dos fonemas, bem como a memorização dos mesmos. A memória acústica e a memória interior se desenvolvem ao mesmo tempo através dos movimentos do corpo.

Em Rítmica Fonética, nem os movimentos corporais, nem os ritmos musicais têm uma finalidade em si mesmos. Não se trata de ensinar ao deficiente auditivo a dançar, cantar ou executar peças musicais. Segundo GUBERINA (1970, p.4) "O movimento, enquanto estímulo rítmico, no Sistema Verbotonal é utilizado para a criação das condições mais favoráveis para uma percepção correta da fala".

Ritmo Corporal e Ritmo Musical são utilizados com o mesmo objetivo: obter uma boa produção e uma boa percepção da palavra, mas são diferentes na escolha dos meios que utilizam.

O ritmo baseado nos movimentos corporais contém movimentos dirigidos que devem desencadear (provocar) a produção das sílabas e das palavras da fala.

A articulação não é um ponto fixo de uma posição da língua em relação ao palato e dentes, mas uma estrutura de movimentos em cuja produção participa todo o corpo, incluindo o cérebro. Os movimentos dos órgãos fono-articulatórios são muito sutis e não se pode trabalhar somente através deles para conseguir boa pronúncia, bom ritmo e boa entonação. GUBERINA refere (1970, p.40) "é muito difícil agir diretamente sobre esses movimentos que os surdos não exercitam espontaneamente. Tentamos então agir sobre eles por intermédio

dos movimentos corporais globais. Esses movimentos são aprendidos por imitação e é sobre eles que construímos os movimentos da articulação." **Parte-se, então, dos movimentos macromotores para se chegar aos micromotores, que é a articulação.**

Esses movimentos devem ser simples e de fácil execução, uma vez que se constituem em base de análise fono-motora dos sons da fala, os fonemas. Portanto, há de se considerar as características de cada um para a realização do movimento. Assim, confirma VICENTE (1991, p.3): "as características do movimento possibilitam clara previsão de grau e espécie de tensão (forte-fraco), as durações de tempo (rápido e lento) e ritmo, auxiliando-nos na formação de quadros sobre aqueles elementos desconhecidos e tão importantes para o deficiente auditivo; elementos estes que formam os valores da fala", quais sejam: entonação, tempo, timbre, pausa, intensidade, tensão, registro e ritmo.

Agora, em se tratando dos estímulos musicais (rimas musicais) os mesmos são empregados através de estruturas rítmicas e de movimentos adequados para desenvolver ou corrigir todos os valores de fala dando condições ao deficiente auditivo de adquirir uma boa pronúncia e uma fala a mais natural possível.

Os estímulos musicais provêm das fontes musicais e, através de uma progressão estudada, auxiliada por movimentos, promovem a aquisição das

formas linguísticas ritmadas, partindo de canções infantis sem significado. Têm-se, sempre, como objetivo a aprendizagem de um nível de linguagem, e não apenas a simples assimilação de melodia em si.

Zora DREZANCIC, musicóloga e colabora de Guberina, foi quem criou as «Estimulações Musicais», utilizando estruturas rítmicas muito variadas, que vão da simples cadência sem sentido à estruturas mais complexas, e propondo diferentes procedimentos pedagógicos para a aprendizagem das mesmas. Tais procedimentos são denominados de "CANALS", tomados no sentido de "FASE" ou "GRAU".

Os canais apresentam, de um lado, os ritmos musicais diferentes, e de outro lado, correspondem cada um deles, a uma progressão na aprendizagem da língua. Tal proposição se dá, pelo fato de que cada fonema é estudado em sua estrutura linguística, a sílaba ou a palavra, e desde o início, o ritmo musical acompanhado por movimentos específicos, deve auxiliar à criança a assimilar e memorizar o som da palavra. Quanto mais se ampliarem os canais, tanto mais rico se torna também o material linguístico.

Ao contrário do Ritmo Corporal, que propõe movimentos dirigidos para desencadear a produção dos fonemas, no ritmo musical, o movimento que o acompanha é livre, deve somente seguir o ritmo da composição, dos sons. O que se pretende através do movimento, é tornar a criança sensível ao tempo da palavra e para dar "UMA SENSACÃO REAL DA DURAÇÃO DO TEMPO". A organização do tempo do movimento permite organizar o tempo do som. Trata-se de tornar sensível, por intermédio do movimento, a sucessão de tensões e de relaxamento, a sucessão de movimentos acentuados e não acentuados na palavra.

Face a esta exposição geral sobre Ritmo Corporal e Ritmo Musical, conclui-se que a proposição conjunta dos dois pretende desenvolver a fala com todos os seus valores, seja na percepção e/ou na reprodução, a partir de modelo de movimentos rítmicos corporais dado pelo reabilitador para que a criança o imite e assim possa com a progressão do trabalho, vir a se comunicar.

Essa premissa é afirmada pelos vários colaboradores que juntamente com Guberina elaboraram o Método Verbotonal, bem como pelos reabilitadores que o aplicam, a exemplo da ADAMEC et al (1966, p.5) que refere:

A criança que nós temos para reeducar não ouve, não fala. O ritmo natural do seu crescimento foi perturbado pela ausência do ritmo da audição e da fala. O ritmo dos movimentos de seu corpo não está estruturado. Apelando para o instinto inato da imitação, [sem grifo no original], nós lhe oferecemos esses ritmos que, uma vez adquiridos, criarão, junto com outros processos do Sistema Verbotonal, as condições mais favoráveis para a audição e a fala.

Da mesma forma GARCIA (1982, p.1) ao se referir especificamente ao Ritmo Corporal afirma:

Esses movimentos são aprendidos por imitação [sem grifo no original] e é sobre eles que construímos os movimentos de articulação. Não se trata de fazer a criança tomar consciência da organização dos seus movimentos articulatórios, mas de obter com a ajuda do movimento uma espécie de impregnação motora que põe seu corpo no estado, na situação de produzir os movimentos articulatórios esperados.

A partir da prática da educação e reeducação que se tem acompanhado nos centros de atendimento à deficientes auditivos, através de estágio de observação, percebe-se que a aplicação da Rítmica Fonética implica em um trabalho prévio e/ou preparatório

de conscientização corporal, em função do qual, acredita-se, seus objetivos e resultados teriam melhor êxito. Pois, considera-se falta grave a exigência da "FALA" antes do tempo, isto é, sem que a criança tenha adquirido antes seu valor interno, sem que tenha descoberto que a audição é parte de sua própria natureza; isto tudo, através de atividades que propiciem uma estruturação interna, ou seja, atividades que partam do movimento de seu próprio corpo.

Não se concebe como trabalho adequado, quando a criança, a partir de exaustiva insistência do reabilitador, consegue repetir o modelo por ele designado.

Trabalhar corretamente, significa colocar a criança em disposição tal, que ela por si própria deseje dizer ou vocalizar alguma coisa.

NEVES (1987, p.32) em suas pesquisas sobre o atendimento oferecido ao deficiente auditivo, relata:

No Brasil, tem sido utilizado o Método Verbotonal desenvolvido pelo Professor Petar Guberina. Por meio de movimento e estimulação, busca-se a reeducação da fala e da audição do deficiente auditivo. Entretanto, existe uma limitação do

uso de movimentos, já que ele é dirigido e determinado por qualidades pré-estabelecidas, seguindo a produção fisiológica e biológica da fala. Isto é importante para os objetivos propostos pelo método, mas não permite o uso do movimento expressivo como uma forma mais ampla de comunicação.

Justamente por concordar com Neves é que se questiona a efetividade de um trabalho que visa um determinado nível de linguagem, quando, na verdade, a criança não tem estruturadas as etapas que a antecedem, não atingiu e/ou desenvolveu as condições mínimas necessárias para tal.

2.3 - COMUNICAÇÃO x LINGUAGEM x CONSCIÊNCIA CORPORAL

Para que se possa observar o aspecto da reabilitação da audição e da fala é preciso entender que a surdez se caracteriza principalmente, pelo enfraquecimento da percepção dos sinais acústicos e portanto pela impossibilidade de comunicação do indivíduo.

Sabe-se que a comunicação entre a sociedade é feita de forma verbal, portanto afasta do seu meio aqueles impossibilitados desta comunicação e é evidente que este indivíduo afastado, perde a sua integração social.

Ninguém, na verdade pode negar que a linguagem oral é fundamental para o ser humano. Ela é o instrumento da troca na comunicação, da socialização. Ela permite o progresso da inteligência, ao organizar a percepção do meio ambiente. Propiciando as estruturas mentais ela se torna o suporte do raciocínio. Mas é, acima de tudo, o meio de expressão verdadeira do indivíduo. Ela está entrosada com toda a atividade humana. Aqui, podemos dimensionar toda a dificuldade

daqueles que dela se acham privados. "NÃO COMPREENDER" não se constitui na dificuldade essencial. Apesar da falta de audição é possível compreender as mensagens do mundo circunstante. Entretanto, não poder expressar-se oralmente é verdadeiramente estar isolado do mundo, é estar privado de um grande número de meios de ação.

A linguagem se instala sobre a potencialidade corporal e neurológica. Percebe-se o desenvolvimento progressivo das percepções, que envolvem atos motores, os quais necessitam serem sentidos e interiorizados pelas crianças, dando-lhes condições para a elaboração da sua própria consciência do corpo. É partindo do seu próprio corpo que o sistema de signos vocais é expressado, comunicado.

¹Essa comunicação, ou seja, essa troca com o meio, está presente e se expressa desde o nascimento, onde o corpo é a referência constante. "A corporalidade encarada na sua totalidade aparece imediatamente como a abertura para o mundo. O corpo é o eixo de percepção existencial, é o agente do sujeito na percepção do mundo que o envolve" (FONSECA, 1983, p.60). Assim sendo, a criança estabelece as primeiras comunicações com o mundo através do próprio corpo.

¹ SOUZA, Heliana F. "A importância do Corpo no Desenvolvimento de Linguagem". Revista C.E.P. - Florianópolis. 1990 18p. Monografia, Especialização - PUC/PR.

A comunicação assim concebida, constitui-se no que se chama de Linguagem Não Verbal ou Linguagem do Corpo e acredita-se que é a partir desta linguagem que a criança acumula experiências cada vez mais hierarquizadas que a farão chegar à Linguagem Verbal ou Falada e posteriormente à Linguagem Escrita.

A necessidade de expressar-se e de comunicar-se, isto é, de intercâmbio com o ambiente, manifesta-se desde o nascimento. As primeiras manifestações dessa comunicação são do tipo mecânico, que oscilam entre um estado de insatisfação e um estado de quietude, os quais estão ligados às reações tônicas e viscerais. Ao sentir necessidade de se alimentar, a criança chora, apresentando toda uma alteração de tónus (tensão) e após a satisfação alimentar, observa-se um estado de repouso onde se dá o relaxamento dos músculos. Estas comunicações, que ao nascer são atos mecânicos, estão submetidas a experiências, presença e interpretação por parte do outro, geralmente a mãe, e tornam-se, posteriormente, manifestações lingüísticas, traduzindo sentimentos e desejos.

A Associação gesticulação -choro- presença da mãe - prazer desejado, constitui já uma forma de comunicação essencial. E é a partir dessa comunicação

que surgem as primeiras ligações relacionais da criança com as demais pessoas de seu convívio, através de manifestações, como sorriso, mímica facial, entonação da voz, cores e odores que sempre ligados à presença da pessoa, passam a ter o valor de sinais. A criança desenvolve de modo crescente a habilidade tanto para selecionar estímulos que são importantes para estas associações, como para ignorar os que não o são. Esta etapa de um universo sinalizado é a preparação para a linguagem falada.

Neste parâmetro afetivo, vêm a nascer outros sistemas de expressão.

Inicialmente a criança recebe os estímulos olfativos, gustativos, auditivos, visuais, táteis, proprioceptivos e cinestésicos do meio e aos poucos vai dando significado a estes sinais, aumentando cada vez mais, não apenas a capacidade para receber estes estímulos, mas também para efetuar associações significativas daquilo que recebe.

Ao iniciarem-se os padrões básicos da linguagem verbal ou falada (a partir do 2º mês), a criança balbucia e as pessoas do meio, geralmente os pais, repetem o padrão da criança. Ela emite sons que não fazem parte da língua falada, sendo que, todas as

línguas têm a mesma lalação. Não é demais acentuar a importância do "feedback" nesta situação de resposta - aprendizagem. Os sons que a criança emite e suas tentativas para falar devem ser bastante reforçadas. É nesta fase que o deficiente auditivo entra em defasagem em relação a criança ouvinte, por estar impossibilitado de ter o "feedback" .

Após os cinco meses, os pais propõem os modelos de fala e a criança tende a imitá-los. Imitar não é necessariamente fazer como o outro, mas sim, chegar ao mesmo resultado dentro dos limites maturacionais. Repetindo o que ouve, dentro de suas possibilidades, a criança vai compreendendo as situações no conjunto das atividades; apanha as idéias e as codifica dentro de um contexto que vai transformando sua realidade interior.

Por volta do sexto ao oitavo mês a criança passa por um período que é marcado pelo início da compreensão da linguagem. Observa-se uma diminuição da fala, a criança começa a associar a palavra aos objetos e às atividades do seu mundo. Segundo LAUNAY & MAISONNY (1986, p.13) assim se expressam: "Na criança, a aparição de palavras segue-se à compreensão das situações em que estas palavras estão implicadas e a linguagem "emerge" destas situações. Esta aparição favorecida, ou não, pela estimulação

proveniente dos adultos; ela é mais ou menos precoce. De qualquer maneira, a criança compreende a linguagem antes de emitir suas primeiras palavras, que são, elas mesmas, subseqüentes à uma ação ou emoção."

A partir dos dez ou doze meses, a linguagem que se constitui é um fato, surge a partir de um nível de desenvolvimento neuropsicofisiológico, que o torna possível. A necessidade de expressão verbal se situa como consequência da ação. O período é marcado pelo aparecimento do monólogo onde a criança verbaliza para si mesma a palavra-frase: fazendo uso de uma só palavra a criança exprime um conteúdo mais amplo. É a partir dessa fase que se pode iniciar o estudo da linguagem. Entretanto, sua aquisição terá sido preparada pelo conjunto das comunicações não verbais do primeiro ano de vida.]

Portanto percebe-se que a criança começa suas descobertas por meio do seu corpo. Isso precisa ser aproveitado e estimulado, no que diz respeito ao processo de habilitação e/ou reabilitação do deficiente auditivo, pois o aparecimento da conscientização de si mesmo é o ponto de partida para um posterior amadurecimento psíquico e da fala.

Discorre-se a seguir sobre as expressões da linguagem pela qual a criança passa até chegar a uma fala mais espontânea, segundo GUBERINA (1970), estabelecendo em paralelo algumas considerações a fim de elucidar e fundamentar as suposições ora levantadas referentes a necessidade de um trabalho corporal a partir de uma atmosfera relacional afetiva entre o reabilitador e a criança. Eis as expressões da linguagem, segundo GUBERINA:

- Grito fisiológico;
- Expressão poética;
- Expressão afetiva e emotiva;
- Brincadeira com os órgãos da fala;
- Comunicação; e
- Disposição para a fala.

O grito fisiológico é a base da fala. Está contido em todas as manifestações emocionais da criança. Encontra-se nele todos os valores da linguagem: ritmo, entonação, tempo, intensidade e afetividade.

O grito é importante na formação da articulação, sendo necessário estimulá-lo.

Segundo GUBERINA, citado por Cármina (1982), a criança terá a possibilidade de criar o grito, a partir de uma imitação do professor.

Contrariando esta posição entende-se que não há possibilidade de "CRIAR UM GRITO" a partir de uma imitação. Na verdade, dever-se-ia oferecer um estímulo à criança para que a mesma, a partir da sua realidade interior, crie sua própria expressão, seja ela, articulada ou não.

GUBERINA denomina de expressão poética as sensações que aparecem como expressão de harmonia ou desarmonia interior, como alegria, tristeza, romantismo... são expressas através do cantar, chorar, rir... As crianças surdas também têm essas disposições, mas não as expressam sonoramente.

Essa expressão poética é dominante na fase da pré-fala. Ela prepara e provoca a expressão da fala, sendo portanto uma fase importante para a reabilitação do deficiente auditivo.

A criança surda não perde a possibilidade destes "ACONTECIMENTOS POÉTICOS", porém não os expressa foneticamente. É muito importante que o reabilitador fique atento a estes momentos e estimule a criança a expressá-los com fonação.

Há muitas maneiras de conduzir a criança a esse estado, como por exemplo: com um microfone na mão, a criança solta a voz com maior facilidade, num espaço livre e ao ritmo da sua voz associa e desenvolve movimentos para expressar suas sensações internas. Essas atividades espontâneas despertam na criança aqueles impulsos que mais tarde através de um trabalho organizado como música, canto, declamação, dramatização..., irão contribuir para sua auto-percepção.

FUX (1983) desenvolveu seu trabalho com características próximas a essas. Através de uma reflexão sobre a sua prática, formulou as seguintes conclusões: a criança surda pode integrar-se naturalmente em um grupo, de dança de alunos ouvintes; ela é capaz de captar os ritmos não audíveis e transformá-los, em dança; a dança pode converter-se para a criança surda em uma linguagem de comunicação que lhe permita sair do seu isolamento; a linguagem da dança dá a criança um conhecimento de si mesma que se traduz em segurança, alegria e criação; o movimento unido à palavra estimula favoravelmente a criança surda; e finalmente que linguagem do movimento repercute em todas as esferas da vida, tanto familiar como social.

O reabilitador deve estimular a criança nessa espécie de atividade. Se ela se entregar plenamente às "brincadeiras" auditivo fonéticas, as motivações do reabilitador podem ser dispensadas e o mesmo afasta-se para apenas observar de longe. É importante dar à criança a oportunidade de ficar sozinha para se observar, se a motivação exterior passa muito rápido ou, se a observação da sua própria voz a estimula por si só.

As histórias contadas com voz terna e ritmizada, de forma poética e numa atmosfera adequada, auxiliam muito nesta fase. A finalidade das histórias neste momento não será a interpretação, mas observar a voz do contador.

A criança precisa ser estimulada para todos os tipos de expressões poéticas agradáveis ou não, sendo importante que ela saiba que pode expressá-las. Inicialmente através de movimentos e depois com vocalização.

Nesta fase de preparação para a fala, não se mede a qualidade ou quantidade dos sons que aparecem. As vezes aqui os sons aparecem e não são articulados corretamente, porém neste momento o que interessa é que são conteúdos da expressão poética.

Ouvindo o som da própria voz, a criança tem uma autopercepção auditiva que dá à expressão, maior riqueza e influi mais fortemente no desejo auditivo.

É o envolvimento afetivo da linguagem na relação comunicativa consigo mesma e posteriormente com as outras pessoas que permite o seu desenvolvimento. O jogo da linguagem como diálogo é que permite o desenvolvimento desta relação que se torna assim fonte de prazer.

A primeira condição para que se possa fazer a aprendizagem da palavra junto à criança surda. É que se estabeleça entre ela e o educador uma relação positiva sobre o plano afetivo. Note-se que esta condição também é necessária à criança ouvinte para desenvolver a linguagem. Tal relação se constrói a partir da presença corporal do educador que se constitui em base de sustentação da ligação afetiva entre ele e a criança. Este diálogo corporal acompanhado de afetividade é a base sobre a qual poderá se estabelecer a comunicação verbal.

As atividades propostas devem sempre conservar o sentido de comunicação. O aspecto e o corpo do reeducador devem sempre "FALAR À CRIANÇA". A troca

de valorização é um modo de comunicação muito global onde o componente principal é de tipo afetivo.

A disposição para a fala se estabelecer-se-á a partir desse parâmetro relacional-afetivo entre o reeducador e a criança.

Nas vocalizações espontâneas da criança aparecem também, as brincadeiras com os órgãos fonoarticulatórios.

O reabilitador tem que provocar essas brincadeiras, a medida que aparecem, como com as crianças de audição normal. Com essas brincadeiras a criança procura as suas próprias possibilidades de soltar vários sons com os órgãos fonoarticulatórios, além de ouvir também os sons provocados pelos movimentos do seu próprio corpo.

Acredita-se então, que o resultado destas atividades propiciará componentes que favorecerão a articulação dos sons da língua.

CONCLUSÃO

3 - CONCLUSÃO

O desenvolvimento da temática apresentada neste trabalho surgiu a partir de uma observação e acompanhamento da prática de educação e reabilitação em Instituições que atendem a clientela de deficientes auditivos. Considerando a clientela, observa-se, por parte das Instituições, uma grande preocupação com o desenvolvimento de linguagem e fala.

Toda a programação é desenvolvida para atingir este fim. Evidencia-se, entretanto, um "ESQUECIMENTO" relacionado a outros fatores e implicações que interferem e propiciam o processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem e da fala normais.

Percebe-se que os programas estão voltados para o treinamento, a modificação dos aspectos específicos pertinentes à fala propriamente dita, em detrimento do indivíduo como um todo.

Em particular, fez-se referência à abordagem proposta pela Rítmica Fonética, que, em síntese, pretende, através de movimentos rítmicos corporais sugeridos pelo reabilitador para que a criança o imite, desenvolver a fala com todos os seus valores tanto a

nível de percepção e/ou reprodução. Tal postura foi, no presente estudo questionada, uma vez que os próprios reabilitadores depõe a não correspondência de algumas crianças.

Após observação da práxis dessa abordagem, percebe-se que esta não correspondência é pertinente pelas seguintes razões:

a) Os movimentos propostos visam a obtenção da "PALAVRA", desde a sua unidade mínima, o fonema, até o seu uso em estruturas mais complexas e estruturadas como a frase e, em última instância, em conversação espontânea. Assim, o enfoque maior é dado para o significante, ou seja, para a forma de linguagem, incluindo-se aí os aspectos linguísticos propriamente ditos (fonologia, morfologia, sintaxe). A forma acaba por ser mais valorizada do que os aspectos relacionados ao conteúdo, ao significado (ao indivíduo em si).

b) Os movimentos se utilizam do corpo como um todo, e torna-se difícil para a criança imitá-lo, percebendo as diferenças que determinam cada um, se não tem consciência do seu próprio corpo, isto é, das diferentes possibilidades que seu corpo tem de servir como "INSTRUMENTO PARA". Esta consciência advém da

percepção vivida, que propiciará a interiorização, a partir da qual terá condições de utilizá-lo não só para imitar, mas também para agir, transformar e criar.

c) Priorizando-se o aspecto da forma da linguagem, esquece-se que o seu desenvolvimento natural se dá a partir da interação com o outro isto é, para que a comunicação efetiva ocorra há necessidade da presença do outro. Então é imprescindível a existência de uma relação interpessoal para que a linguagem se desenvolva. Paralelamente a esta afirmação tem-se a de FISCHER ([], p.12). "a linguagem, quando não sustentada por uma relação afetiva significativa, enquanto não exerce esta função mediadora, não se desenvolve de acordo com os padrões esperados."

O que se pretende colocar em questão é a necessidade de se propor recursos que suscitem a auto-expressão, e isto não ocorre quando a preocupação maior gira em torno do treino dos aspectos relacionados à forma.

Ao se pretender atingir uma linguagem a mais próxima do normal possível, tomando o corpo como instrumento para tal, é preciso considerar a prontidão da criança para o nível de abstração que se propõe. Pois, ela precisa, antes de tudo, explorar o

corpo, reconhecê-lo nos seus atributos, nas suas significações e em suas finalidades relativas e convencionais para que o integre multisensorialmente e edifique, pouco a pouco, a linguagem. Desta forma, o corpo será trabalhado não só como meio de regulação e de verificação de movimentos para adquirir linguagem, mas como o verdadeiro instrumento de expressão do pensamento e dos sentimentos.

Dentro desta perspectiva, percebe-se que o trabalho NÃO pode ser proposto só a partir da IMITAÇÃO. Vindo de encontro a este ponto de vista, BEE (1984, p.169) afirma: " A imitação desempenha algum papel no desenvolvimento de linguagem, mas não pode ser o processo central, não importa quanto o senso comum diga em contrário."

A comunicação, através da linguagem só existirá quando houver um parâmetro relacional - afetivo que a introduza, isto é, quando houver alguém que fale desejando ser ouvido e esperando uma resposta.

Conclui-se que o problema que concerne às Instituições que atendem ao deficiente auditivo, e aos serviços isolados de reabilitação, qual seja: a integração do deficiente auditivo à sociedade, deve ser repensado, reavaliado em termos de se conseguir resultados mais coerentes com seu objetivo. Há de se

ênfatizar o indivíduo com deficiência auditiva como um todo, tendo desejos, sentimentos e uma história pessoal, ao invés de, apenas encaminhá-lo para um tipo específico de treinamento ou desenvolver com ele um programa de modificação de comportamento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEE, Helen. A criança em Desenvolvimento. Tradução por Rosane Amador Pereira. 3.ed. São Paulo. Harbra, 1984. 421 p. Tradução de: The developing child.

- BELLO, Carlos Martins. Aspectos Linguísticos na Recuperação do Afásico. Curitiba, 1981. 125 p. Tese de Mestrado.

- CENTRO SUVAG. De Zagreb Yugoslávia. Programa de iniciação para reabilitação de crianças deficientes da audição. Tradução por Wlasta Pirih. Curitiba, 1976. 33p. mimeografado.

- CENTRO SUVAG de São Paulo. Possibilell da reabilitação da audição e da fala sob o aspecto do Sistema Verbotonal. Reproduzida por Escola para Surdos Epheta. Curitiba, 1979. 39p. mimeografada.

- DAVIS, Flora. A criança não Verbal. Tradução por Antônio Dimas. São Paulo. Summus, 1979. 198p. (Novas Buscas em Educação, v.5). Tradução de: *What we know about nonverbal communication*.

- DREZANCIC, Zora. Reeducação dos deficientes auditivos: estímulos musicais nas fases, iniciais do trabalho com crianças deficientes da audição segundo Método Verbotonal. Tradução por Attílio Brunetta. [s.n.t.] [p. irr]. (Anais do Centro Regional de Documentação Pedagógica de Lettle). mimeografado.

- ELLIOT, Alison J. A linguagem da criança. Tradução por Vera Ribeiro. Rio de Janeiro. Zahar, 1982. 187p. Tradução de: *Child Language*.

- FONSECA, Vitor da. Contributo para o estudo da Génese da psicomotricidade. 2ª. ed. Lisboa. Editorial Notícias, 1977. 353p. (coleção Pedagoga, 2).

- FONSECA, Vitor da. De uma perspectiva do desenvolvimento da criança, a uma estratégia de intervenção terapêutica e psicopedagógica. Revista do corpo e da Linguagem. Ano 18, vol. 7, 63p.
- GARCIA, Carmina. O movimento Corporal e os ritmos fonéticos. Curitiba, 1982. 17p. mimeografado.
- GUBERINA, P. Ritmo Fonético. Revista Fonética Aplicada. Tradução por Atílio Brunetto. [s.n.t.]. 8p. mimeografado.
- LAPIERRE, Andre. El adulto frente el niño. Barcelona: Científico Médica, 1982. 123p.
- MÉTODO Verbotonal de reeducação da audição e da palavra [s.n.t.] 59p. mimeografado.
- MEUR, A. de, STAES, L. Psicomotricidade. Educação e reeducação. Tradução por Ana Maria J. Galubam e Setsuko Ono. São Paulo. Manole, 1984. 226p. Tradução de: *Psychomotricite education et rééducation*.

- NEVES, Maria Renata de M. S. Dança, arte do movimento em crianças deficiente auditiva. São Paulo. 1987. 80p. Tese, Mestrado. PUC/SP.

- PIGATTO, Carmem S. P.; MORAES, Zenália B.; BORTOLI, Salete M. de. Reabilitação, da fala e da audição através do ritmo musical. Curitiba. Lovise. 1989. 259p.

- PINTAR, Vesna.; BROZOVIC, Elvira.; ADAMEC, Borislav. Estímulo rítmico através do movimento. Tradução por: Attílio Brunetta. [s.n.t.]. 7p. mimeografado.

- QUIRÓS, Júlio B. de.; SCHRAGER, Orlando. Lenguaje, aprendizaje y psicomotricidad. Buenos Aires. Panamericana. 1979. 231p. (Série del Centro Médico de Investigaciones Fonicítricas y Audilógicas, v.8).

- SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO. D.E.E. Serviço de Educação do Deficiente Auditivo. Fonética Rítmica. Curitiba, 1990. 42p. mimeografado.

1.2 - FORMULAÇÃO DO PROBLEMA

A aquisição da consciência corporal, no deficiente auditivo, contribui para o desenvolvimento de sua linguagem?

1.3 - OBJETIVOS

Considerando-se a importância da consciência corporal como requisito essencial para a aquisição e desenvolvimento da linguagem, este estudo tem como objetivos:

- 1 - Estabelecer a relação entre consciência corporal e linguagem.
- 2 - Evidenciar, a nível teórico, a viabilidade de uma práxis voltada para o desenvolvimento da linguagem, a partir de um trabalho corporal.

- SOUZA, Heliana F. "A importância do Corpo no Desenvolvimento de Linguagem". Revista C.E.P. Florianópolis - SC. 1990 18p. Monografia, Especialização - PUC/PR.